

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS

NATANIEL REIS DE AQUINO

**LIMITES ENTRE FICÇÃO E REALIDADE EM *A HORA DA ESTRELA*, DE
CLARICE LISPECTOR**

FLORIANÓPOLIS

2021

NATANIEL REIS DE AQUINO

**LIMITES ENTRE FICÇÃO E REALIDADE EM *A HORA DA ESTRELA*, DE
CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Título de Bacharel referente ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Gaiotto de Moraes

FLORIANÓPOLIS

2021

Aos amigos, essenciais ao longo de todo o percurso até aqui.

“Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, joias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando.”

(Clarice Lispector)

RESUMO

Muitas podem ser as inspirações de um escritor para nortear a produção de uma obra literária. O resultado desse processo, embora classificado como ficcional, apresenta representações do contexto histórico, político e social dos espaços e tempos aos quais faz alusão – tanto em relação à data de publicação quanto à narrativa apresentada. Características como a construção de personagens, descrição de cenários e a locução do narrador evidenciam o fenômeno e criam pontos de intersecção entre ficção e realidade, esta compreendida a partir do caráter representacional da escrita. O último romance de Clarice Lispector, *A hora da estrela*, é considerado um marco na trajetória da escritora pela abordagem de questões sociais do Brasil em tempos de industrialização e êxodo rural, em meio a um cenário de pobreza e desigualdade social. Esta monografia tem como objetivo identificar tais aspectos e relacioná-los aos eventos narrativos da obra, considerando estudos e críticas que sucederam a publicação, desenvolvidos ao longo dos anos, a fim de suscitar a reflexão a respeito da importância da literatura para a formação do identitário de uma sociedade e contribuir para o enriquecimento dos estudos que envolvem a bibliografia da autora Clarice Lispector.

Palavras-chave: literatura brasileira, Clarice Lispector, *A hora da estrela*.

ABSTRACT

Many can be the inspirations for a writer to guide the production of a literary work. The result of this process, although classified as fictional, has representations of the historical, political and social contexts of the time and of the spaces represented – both in regards to the date of publication and to the presented narrative. Characteristics such as the development of characters, description of scenarios and narrator's locution highlight the phenomenon and create intersection points between fiction and reality, understood from the representational character of writing. The last novel by Clarice Lispector, *The hour of the star (A hora da estrela)*, is considered to be an important milestone in the writer's trajectory for approaching Brazilian social matters in times of industrialization and rural exodus, amid a scenario of poverty and social inequality. This monography's main purpose is to identify these aspects and relate them to the narrative events of the work, considering studies and critics that followed the publication, developed throughout the years, in order to arouse reflection regarding the importance of literature for the creation of a society's identity and contribute to the enrichment of studies involving the author's bibliography.

Keywords: Brazilian literature, Clarice Lispector. *The hour of the star (A hora da estrela)*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS EM <i>A HORA DA ESTRELA</i>	11
2. OS PERSONAGENS DE CLARICE: UMA ABORDAGEM SOCIAL	21
3. A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM–NARRADOR RODRIGO S.M. E METALINGUAGEM.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

A constante presença de Clarice Lispector na cultura, passado o ano que marcou seu centenário, aponta para a importância definitiva da escritora para a literatura brasileira. Pode-se dizer que a personalidade introspectiva e intimista impressa nas páginas das suas obras comoveu o público por gerações, mesmo décadas depois de sua morte. Muitas vezes incompreendida e alvo de críticas, a consagração de Clarice se deu de forma gradual, podendo ser associada a processos históricos que influenciaram pensamentos e imaginários da sociedade, concomitantes a esta trajetória percorrida pela escritora, o que culminou no ápice de sua popularidade, conquistado no século XXI.

Neste contexto, se destaca *A hora da estrela*, última obra em vida de Clarice. Publicada em outubro de 1977, a aproximadamente dois meses do falecimento da autora, a novela apresenta ao leitor Macabéa, personagem que ora se aproxima de sua criadora, ora se afasta. Ambas são mulheres, passaram anos de sua infância no Nordeste e ainda jovem migraram para o Rio de Janeiro – uma aos doze anos de idade e outra aos quinze, respectivamente. Entretanto, é nos traços da personalidade de cada uma e na posição social que adquirem enquanto sujeitos socialmente inseridos em seus espaços que a trajetória das duas diverge. O percurso comparativo entre a ficção e a vida que permite sua criação e aborda o mundo que a consome, a partir da narrativa de Clarice Lispector, será o objeto de estudo deste trabalho, e, para sua realização, alguns recortes serão traçados.

No primeiro capítulo, a construção e a percepção dos cenários presentes na novela de Clarice pelo narrador serão foco da pesquisa. As representações do sertão nordestino, local de origem de Macabéa, através de Rodrigo S.M. enquadram o espaço na trajetória da personagem como componente formador de seus pensamentos individuais, refletidos em sua própria personalidade e na sua cultura. Esta visão individual e subjetiva contrasta com outras, desconsideradas pela voz do narrador. As oposições entre estes imaginários parecem remeter à posição social do indivíduo e a um passado histórico que construiu tais percepções – através de um processo complexo e plural –, também a ser abordado neste trabalho.

O Rio de Janeiro, segundo cenário apresentado por Rodrigo S.M., carrega os principais espaços nos quais ocorrem os eventos narrativos do romance, e parece

materializar o encontro de Macabéa com o desconhecido, consolidando a representação do embate da personagem com aquilo que é estranho a ela. A então capital federal desempenha papel de destaque na jornada de Macabéa por situar fisicamente o choque que da heroína com uma cultura que, até então, era desconhecida. A hostilidade do lugar se torna reveladora para a compreensão que ela tem de si própria, como ser humano integrante de uma sociedade, da sua relação com tudo aquilo que é exterior a ela. Este aspecto será o ponto de partida para o processo de análise do modo como estas construções se relacionam com a realidade.

Ambos os cenários presentes em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector – Alagoas e Rio de Janeiro – carregam marcas históricas a eles relacionados. O primeiro, cartão postal do Brasil, sugere uma representação do que é ser brasileiro, constantemente reafirmada na sociedade; enquanto o outro remete a uma região geográfica vista pelo Sul como um lugar de resistência, aridez e sobrevivência, que alude ao indivíduo excluído socialmente. A este imaginário, se sucedem os traços dos personagens de *A hora da estrela* a partir das descrições do narrador de Clarice, bem como suas falas e ações e o modo como se encaixam nos espaços descritos. O segundo capítulo enfatizará a construção destes tipos, sua aproximação com certos perfis brasileiros e como eles se relacionam com a obra.

Por fim, o terceiro e último capítulo deste trabalho apresenta como objetivo principal a análise da parcialidade do narrador na trama, e o modo como o seu posicionamento o torna mais um personagem, tal qual Macabéa e Olímpico também o são. A onisciência em sua voz não é predominante, superada pelo relato subjetivo dos fatos e sua visão individual em torno deles – a linguagem metalinguística de Rodrigo S.M. também se destaca durante esse processo. Seus posicionamentos e comentários durante a narrativa constroem sua personalidade ao longo das páginas e o posicionam socialmente na novela. As impressões sobre sua configuração em relação ao contexto brasileiro serão abordadas, em aproximação com a sociedade carioca dos anos 1970 – em contemporaneidade à publicação.

Este estudo interpretativo tem como finalidade construir uma relação entre ficção – concebida aqui a partir da escolha da novela de Clarice como recorte para fins de estudo – e realidade, ou “realismo”, como conceituado a partir de uma concepção da representação do real pela literatura, frente ao contexto social, histórico, político e cultural da sociedade que produz e consome sua produção. Como não é possível afirmar que uma obra literária é, em sua totalidade, retrato de uma sociedade

– uma vez que a liberdade criativa do autor é parte fundamental em seu processo de produção –, também não é possível negar qualquer relação entre o contexto social, cultural e histórico que abrange o período de convergência da narrativa com o de vivência do escritor. As questões que nortearão o trabalho, portanto, serão: quais as pontes que interligam o real e a ficção e qual a influência que aquele tem sobre esta?

1. A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS EM *A HORA DA ESTRELA*

A última obra escrita por Clarice Lispector em vida se tornou, com o passar das décadas, uma de suas produções mais conhecidas e aclamadas por críticos e pelos públicos nacional e internacional. Múltiplos pontos de vista tentam explicar o interesse dos leitores por *A hora da estrela*, desde críticas que percebem nela o ápice das características da obra clariceana em um texto literário – a introspecção e o caráter epifânico de suas narrativas desencadeado por acontecimentos corriqueiros do dia a dia – até aquelas que compreendem o romance como o mais engajado, na obra da autora, em relação ao contexto político e social de sua época – portanto, um momento de ruptura em relação às produções anteriores.

A discussão a respeito do que compõe a produção final da autora se explica, em partes, pela abordagem metalinguística construída pelo narrador do romance e pela composição de espaços e de sujeitos que ambientam e dão vida à história. Rodrigo S.M. conversa com o leitor à medida que apresenta os eventos por ele narrados, consolidando sua presença no romance como a de mais um personagem. Macabéa, a heroína da novela, é apresentada como uma vítima de um processo histórico socialmente excludente e desigual, de sua própria inocência, das questões existenciais, da ausência de visão crítica sobre questões sociais e da carência intelectual.

A análise dos aspectos constitutivos de *A hora da estrela* demanda uma outra que a precede, relacionada a aspectos que abordam a intersecção entre ficção e realidade. Fábio Takao Masuda e Rogério de Almeida desenvolvem esta discussão, no artigo “A Hora da Estrela entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa”, a partir do conceito de leitura do intervalo:

[...] o romance ficcional opera para além da literatura, que passa, necessariamente, pela ideia de “leitura do intervalo”, como menciona João Alexandre Barbosa na epígrafe [do artigo]. Essa dimensão intervalar da literatura deve ser entendida como um momento de (des)encontro, tendo em vista a matéria histórica que há de comum entre a narrativa ficcional e o próprio processo histórico em que o autor está inserido. Não é o caso de conjecturar uma visão determinista, mas sim de localizar o conteúdo histórico por meio da contaminação recíproca dos elementos diegéticos, próprios do universo literário, e dos dados extraliterários, próprios do campo da história. (ALMEIDA; MASUDA, 2017, p. 33)

A relação entre o que é ficção em *A hora da estrela* e as intersecções que esta apresenta em relação a um pano de fundo real, partindo do pressuposto de que o romance se constitui partir da mediação da linguagem, será considerada a partir da contaminação, nas palavras de Almeida e Masuda, entre elementos diegéticos e históricos. Inicialmente, se estabelece uma relação, ora de proximidade, ora de afastamento, entre Clarice Lispector, Rodrigo S.M. e Macabéa, a partir de determinados elementos da escrita da autora. A primeira característica que os posiciona – escritora, narrador e a personagem que será a heroína da novela – em conformidade é a de sua origem, o Nordeste. Neste momento se dá a primeira referência aos cenários presentes em *A hora da estrela*:

[...] numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. (LISPECTOR, 2017, p. 48)

A apresentação do narrador acontece enquanto ele próprio pontua elementos da trama. Este processo metalinguístico segue até o final da novela de Clarice. Rodrigo S.M assume um “falso livre-arbítrio”, em uma paráfrase, insinuando que não tem controle dos eventos narrativos que irão se suceder – eles já estão predeterminados, ainda que, em tese, suponha-se que ele, como o criador da história, tem a liberdade de manipular os acontecimentos. Ele nega a possibilidade, enfatizando a impossibilidade de realizar a ação.

Não se trata apenas de narrativa [...]. O que escrevo é mais que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. (LISPECTOR, 2017, p. 49)

O excerto parece bastante revelador, à medida que Rodrigo assume, no dever de contar a história, a sua importância. Mais do que isso: há um tom de denúncia naquilo que se realizará como sua narrativa. Entende-se, portanto, que o narrador, consciente de que está produzindo um romance, busca aproximar-se de um relato. Desconsidera, portanto, a subjetividade que nele há enquanto indivíduo – a qual

poderá ser percebida a partir do posicionamento e perspectivas em relação à protagonista de sua trama.

Rodrigo estabelece um primeiro contato com sua personagem, assumindo estar familiarizado à “moça nordestina”. Ambos se criaram no Nordeste. Neste momento, aproximam-se traços da personagem com a figura do narrador, e deste com a da escritora. Esta relação se estreita ainda mais posteriormente, no momento em que Rodrigo S.M. revela que Macabéa veio, em seu processo migratório para o Rio de Janeiro, de Alagoas – traços muito similares aos vividos pela autora na juventude (em idade semelhante à de Macabéa).

Clarice Lispector, apesar de ter chegado ao Brasil ainda muito jovem, em um processo migratório da Ucrânia, seu país de origem, sempre enfatizou o fato de considerar-se brasileira, como afirmou em entrevista resgatada pelo autor inglês Benjamin Moser, para a publicação de *Clarice, uma biografia*, presente na obra *A descoberta do mundo*, uma coletânea de crônicas da autora em publicação póstuma:

Nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchetchelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchetchelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. Cheguei ao Brasil com apenas **dois meses de idade**. (LISPECTOR, 1984 apud MOSER, 2017, p. 19, grifo do autor)

Posteriormente, Moser contesta os grifos feitos por Clarice em sua afirmação, negando sua vinda tão prematura ao país. Também cita entrevistas em que a autora afirma desconhecer sua cidade de origem com clareza. Para ele, trata-se de um assunto que, se pudesse, Clarice mudaria em sua vida. *A hora da estrela* possivelmente se situa, neste contexto, também como uma espécie de autoafirmação da autora em relação à sua nacionalidade. Considerava-se brasileira, e o ato de desenvolver uma novela que atenta para detalhes espaciais e socioculturais do país pode indicar uma forma de salientar seu pertencimento e de sua obra à cultura brasileira.

E ela [Clarice Lispector] mentia a idade que tinha quando veio para o Brasil. Numa passagem já citada aqui, ela usa o itálico para enfatizar que tinha *apenas dois meses de idade* quando sua família desembarcou. Tinha mais de um ano, porém como ela bem sabia. É uma pequena diferença – era muito nova, de todo modo, para se

lembrar de qualquer outra pátria –, mas é estranha a sua insistência em rebaixar a idade até o mínimo verossímil. Por que se dar ao trabalho? (MOSER, 2017, p. 21)

Ao chegar em território brasileiro, o primeiro local a residir foi a capital de Alagoas, Maceió. Trata-se do mesmo estado de origem da heroína de *A hora da estrela*. Macabéa havia passado a infância no sertão até a morte dos pais, origem pouco esclarecida pelo narrador, e posteriormente migrou para o Rio de Janeiro com a tia – diferentemente da escritora, Macabéa habitou apenas o interior. Não obstante, Clarice passou por processo semelhante de deslocamento para a capital carioca, mas não sem antes viver mais um período de sua juventude em Recife, até ter completado quinze anos de idade.

As inspirações de Clarice para construir uma obra ficcional podem ser percebidas nas próprias vivências da autora e em sua memória visual, a partir de observações do passado – lembranças se tornaram, portanto, itens componentes de sua trama. Almeida e Masuda (2017) apontam alguns traços da vida da autora como referência para a construção de *A hora da estrela*:

Nesse ponto, encontramos, mais uma vez, a presença de Clarice e sua íntima relação com a personagem Macabéa. Isso ocorre na medida em que esta última é fruto da observação da matéria histórica que passou aos olhos da escritora, como esclarece a própria Clarice Lispector na famosa entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner, da TV Cultura, em fevereiro de 1977. Nessa entrevista, Clarice diz que, ao passear por uma feira no bairro de São Cristóvão, feita nos moldes das que existem no Nordeste, avistou “uma moça nordestina, de Alagoas, tão pobre que só comia cachorro-quente”. Essa moça é transfigurada em Macabéa n’*A hora da estrela*, cuja narrativa não se resume apenas à sua condição social, como confirma a própria Clarice: “A história não é só isso, não. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima”. (ALMEIDA; MASUDA, 2017, p. 37)

A aproximação de Clarice à personagem de Macabéa e ao narrador Rodrigo S.M. reforça a ideia de uma busca da autora nas próprias vivências para a construção da história. Para tanto, o seu olhar para o outro se firmou como um fator determinante para o estabelecimento das diferenças entre as personalidades contrastantes – sobretudo em relação à classe social – que compõem a trama. Essa consciência de alteridade pela escritora também é descrita por Moser (2017):

[Clarice] Cresceu pobre no Recife, mas sempre teve consciência de que sua família, apesar das dificuldades, estava melhor de vida que muitas outras. “Em pequena”, escreveu mais tarde, “minha família por brincadeira chamava-me de ‘a protetora dos animais’. Porque bastava acusarem uma pessoa para eu imediatamente defendê-la. E eu sentia o drama social com tanta intensidade que vivia de coração perplexo diante das grandes injustiças a que são submetidas as chamadas classes menos privilegiadas. Em Recife eu ia aos domingos visitar a casa de nossa empregada nos mocambos. E o que eu via me fazia como me prometer que não deixaria aquilo continuar.” (MOSER, 2017, p. 120)

A preocupação social de Clarice é expressa por ela na obra em consonância com seu comportamento ao longo de toda a vida – e em contrapartida a argumentos daqueles que afirmavam que a autora estaria alheia a tais questões. Fernanda Ezabella, em reportagem para a Reuters datada de julho de 2005, cita os ataques que a escritora sofreu pela crítica especializada após da publicação de *A Via Crucis do corpo*, de 1974, apenas três anos antes da publicação de *A hora da estrela*. “Na mesma época”, destaca Ezabella, “Lispector também era chamada de alienada pelos colegas que lutavam contra a ditadura” – a exemplo do cartunista Henfil, que satirizou a escritora nas tirinhas em que costumava denunciar aqueles que se omitiam em vista do contexto ditatorial que assolava o país na época. Em resposta a estes posicionamentos, surge, então, a última publicação de Clarice:

Foi a partir desse momento de cobrança, explicou [Vilma] Arêas, que surgiu o romance “A Hora da Estrela”, sobre a nordestina de vida infeliz morando no Rio de Janeiro. Nesta obra, Lispector fala da miséria brasileira, além de fazer referências às suas próprias dificuldades e à infância em Recife. “Existe uma preocupação de continuidade em todos os seus livros. Ela vai rebaixando as questões metafísicas na história e no universo brasileiro”, disse a crítica. “Se antes ela falava da Verdade e da Mentira, nesse livro ela fala da Macabéa que mente para o patrão.” (EZABELLA, 2005, np)

Clarice demonstra, no reforço de sua identidade como escritora brasileira, preocupação em tecer um olhar sobre o próprio Brasil, que também se revela na trama de Macabéa e, eventualmente, nos lugares que a personagem ocupa, bem como o modo como se dá a descrição destes espaços na voz de Rodrigo. O narrador também se apresenta como representação de uma classe distinta à de Macabéa, embora a princípio não se possa afirmar qual seja, uma vez que ele mesmo afirma estar em

uma posição entre-classes – que pode ser questionada. Esta perspectiva será analisada posteriormente.

A construção dos cenários por Clarice recupera, eventualmente, elementos sociais expressos na projeção de espaços específicos existentes no Brasil, e carregados de imaginários que estão associados a eles. O sertão, ora retomado com certa nostalgia através dos pensamentos e memórias de Macabéa, também é apresentado como lugar hostil, de vida difícil, de acordo com Rodrigo S.M.

Fragmenta-se, portanto, a partir de dois eixos antagônicos. O primeiro, retratado pela voz do narrador Rodrigo S.M., é pautado pelas difíceis condições de vida do local – a escassez incide na dura realidade dos seus habitantes. O segundo, através da descrição das sensações de Macabéa, retrata nostalgia e afeto. O vínculo afetivo da personagem é retratado por memórias e sentimentos descritos por Rodrigo. O narrador explica a visão de Macabéa distinta à sua a partir da vivência da personagem que constrói sobretudo em relação a seus primeiros anos de vida, idade de formação do indivíduo, em que há a criação de laços e forte afeição com os espaços em que se vive. Segundo ele, Macabéa “tinha saudade de quando era pequena – farofa seca – e pensava que fora feliz. Na verdade por pior a infância é sempre encantada, que susto”, como é revelado na obra de Clarice (2017). Com apenas 19 anos de idade, ter vivido a maior parte de sua vida no sertão nordestino incidiu em uma visão distinta em relação a Rodrigo S.M. daquele espaço.

Este pré-julgamento de Rodrigo que vincula o comportamento de uma personagem ao imaginário do sertão que o narrador alimenta também se revela em Olímpico, de modo semelhante ao que acontecera anteriormente com Macabéa. Desta vez, o narrador relaciona aspectos da personalidade do personagem ao espaço de origem ocupado por ele: “[Olímpico] Vinha do sertão da Paraíba e tinha uma resistência que provinha da paixão por sua terra braba e rachada pela seca” (Lispector, 2017, p. 85).

O sertão, como descrito por Rodrigo, é resultado de um imaginário construído a partir da realidade de conflitos e carências vividas pela população destes espaços. A incorporação dessa concepção ao Nordeste remete à subdivisão feita pelo IGBE em 1969, conforme analisa Durval Muniz de Albuquerque em “O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista brasileiro”. Segundo o autor (2019, p. 32), trata-se de um “passo definitivo, que oficializa e materializa essa captura do sertão pelo Nordeste”:

Dessas cinco regiões [Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Leste e Sul], somente o Nordeste era efetivamente incorporado pelas pessoas em suas identidades. Podemos dizer que o mesmo ocorre com o sertão. Ao definir o sertão como uma subárea do Nordeste, o IBGE deu reconhecimento oficial a uma situação de fato, situação essa fruto desse longo processo histórico que tentamos tratar em linhas gerais neste artigo. Tendo um lastro econômico de longa duração, com a diferenciação desde a colônia da área açucareira açucareira, da área dedicada à pecuária e depois ao plantio do algodão, tendo um lastro político que se materializou, ao longo do tempo, em disputas e querelas entre as elites do litoral e do interior, essa distinção de sertão e litoral estruturou toda uma produção cultural e intelectual, que terminou por fazer do sertão e do ser sertanejo um atributo exclusivo das gentes nascidas no interior do Nordeste. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019, p. 32)

Macabéa, a partir da construção de Rodrigo, se situa na trama como indivíduo pertencente a esse contexto. “Nascera inteiramente raquítica”, ele afirma, “herança do sertão – os maus antecedentes de que falei” (Lispector, 2017, p. 61). A personagem é retrato da pobreza e assim como muitos habitantes nordestinos, passa pelo processo migratório em direção ao Sudeste em busca de meios de sobrevivência.

O Rio de Janeiro é eventualmente associado a cenários e costumes muito difundidos nacional e internacionalmente através do cinema, propagandas e imprensa, que construíram o imaginário popular de uma cultura vinculada a este espaço – o carnaval, o samba e as praias são alguns exemplos deste fenômeno. Tais características carregam uma visão positiva da localidade na sociedade, em oposição ao que é construído em relação ao sertão, por exemplo – ainda que ambos apresentem problemas em relação a questões sociais, como a desigualdade e o conflito entre classes. Clarice Lispector parece fugir a estas associações em *A hora da estrela*, optando, em seu lugar, pela descrição de outros aspectos deste mesmo espaço – que normalmente não são observados e/ou difundidos no imaginário popular – a partir da figura do narrador.

Depois – ignora-se por quê – [Macabéa e a tia] tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjava emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas. (LISPECTOR, 2017, p. 62)

A construção dos cenários a partir das vivências da heroína da história recupera, eventualmente, traços do cotidiano do Rio de Janeiro que escapam a estereótipos construídos ao longo do tempo. A situação de Macabéa, constantemente associada a carências e precariedade, se reflete nos ambientes que a personagem ocupa – seja nas horas de trabalho, nos raros momentos de prazer em que se deleita com um cachorro quente, sua refeição diária, ou nos encontros com Olímpico, com quem desenvolve uma relação problemática.

Trata-se de espaços sujos, por vezes caóticos, que desconstroem o cenário exótico comumente difundido sobre o Rio de Janeiro. Da cidade inicialmente creditada pelo narrador como lugar “inacreditável” aos olhos de Macabéa, segue-se uma definição que contrapõe essa visão, atribuindo características precárias à moradia de Macabéa. Como o leitor, a protagonista também sofre com o processo de desilusão descrito por Rodrigo, ironicamente, em momentos como aquele em que descreve os aposentos que a jovem dividia com outras quatro mulheres:

O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro. [...] Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso pois tenho horror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço de vida imunda. (LISPECTOR, 2017, p. 30)

Novamente, Clarice se volta à própria vivência para compor espaços da narrativa. Os cenários descritos por Rodrigo lhe eram familiares, uma vez que a autora morou, durante parte considerável de sua vida, no Rio de Janeiro. A Rua do Acre, também denominada Rua Acre, ponto histórico pela proximidade com o porto, adquire, a partir de seus escritos, um significado social, para além do *status* geográfico, mas que se correlaciona com ele – as localidades próximas aos portos são comumente compreendidas como espaços degradados no contexto carioca. Torna-se elemento de denúncia social, local de pobreza e escassez. Macabéa tem, ali, delimitada a sua vida.

Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar, cais do porto para ir espiar no domingo, um ou outro prolongado apito de navio cargueiro que não se sabe por que dava aperto no coração, um outro delicioso embora pouco doloroso cantar de galo. (LISPECTOR, 2017, p. 31)

Acre, segundo definição do dicionário Oxford, remete ao “que tem sabor amargo, ácido, azedo” ou “de cheiro ativo, forte, penetrante”. Lavradio, por sua vez, associa-se ao que é “bom para lavoura (diz-se de terra, campo, terreno); arável.” As palavras, associadas à escrita de Clarice em *A hora da estrela*, adquirem significado na narrativa. O local de moradia de Macabéa é hostil, a nordestina reside em local ácido, portanto, pouco hospitaleiro. Seu trabalho, em complemento, representa o local em que a força braçal, sua fonte de energia de produção, possibilita o cultivo da sua vida, e tem o papel de fazer com que continue a viver no dormitório dividido. Juntos, compõem sua vida de pobreza, em conformidade com a visão do narrador.

Rodrigo reafirma por vezes em sua narrativa a miséria não somente material, mas também existencial da personagem. Os espaços retratados reiteram tal visão a partir de seu caráter grotesco e, por vezes, desumano – que, na perspectiva do narrador, rebaixa o ser humano a uma condição animal. A existência de Macabéa no Rio de Janeiro torna-se, portanto, repetição do que vivera no Nordeste. Como os espaços invisibilizados, ela também é uma pessoa invisibilizada na sociedade, independente do lugar que ocupa – seja no sertão ou no principal centro urbano do país.

Os “dois brasis” revelados – Alagoas e Rio de Janeiro – com os quais a protagonista se relaciona e deles é excluída se mostram antagônicos e revelam “dois brasis”, conforme aponta Eduardo Portella no prefácio “O grito pelo silêncio”, presente na primeira edição de *A hora da estrela*, pela Livraria Olympio Editora, em 1977:

Deixemos que a pergunta cruze livre o espaço da narrativa, como uma espécie de imagem vazia, de símbolo ou de estigma – mudo resumo de uma indagação maior, curtida no encontro, ou no desencontro, daquela ‘resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito’ com o ‘ambicionado clã do sul do país’: o nordeste rural na sua difícil contracenena com a engrenagem urbana. *A hora da estrela* ou ‘as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela’. De um lado, a ‘terra serena da promessa, terra do perdão’; do outro, o sufoco, o vale-tudo, a agressão da ‘cidade conquistável’ – os dois brasis. (PORTELLA, 1977 apud LISPECTOR, 2017, p. 212)

A construção dos cenários por Rodrigo S.M. é, portanto, complementar, de modo que o sertão nordestino e a cidade do Rio de Janeiro se posicionam como a representação do rural e do urbano, respectivamente, e representam, de modo geral, a formação do cenário brasileiro do século XX, representação do fluxo migratório que ocorria partindo-se do interior em direção às cidades. O processo de êxodo rural pelo

qual Macabéa passa não é bem sucedido, uma vez que ela permanece na pobreza. Estes espaços, dentro de um contexto brasileiro específico, adquirem, em *A hora da estrela*, *status* de representação social, característica que se aprofunda quando se fala dos aspectos dos personagens.

2. OS PERSONAGENS DE CLARICE: UMA ABORDAGEM SOCIAL

Como os espaços adquirem representações e significados socioculturais em *A hora da estrela*, fenômeno semelhante pode ser notado em relação aos personagens apresentados a partir do olhar do narrador de Clarice Lispector. Para tanto, é necessário observar mais uma vez o início da narrativa, o momento em que Rodrigo S.M. inicia a apresentação dos personagens, em uma postura metalinguística, e assume sua posição na narrativa, eliminando uma denominação apenas de onisciência demiúrgica ou de mera observação: o narrador também é um personagem, e tem participação direta na forma como os eventos da trama são descritos. A partir de então, retira de si o compromisso com o conhecimento total do objeto de seu discurso, reforçando sua subjetividade. Destaca-se a importância que concede à personagem que se torna figura central da trama – cujo nome desconhece a princípio. Macabéa é envolta de um suspense, sua apresentação se dá paulatinamente, em meio a pensamentos do narrador sobre as circunstâncias da sua criação e outros comentários que, ainda que possam parecer inocentes, têm peso na imagem criada da protagonista e o estrato social ao qual ela representa, bem como a percepção de Rodrigo sobre ela.

O imaginário do narrador sobre o cenário do sertão se mistura à própria personagem. Nádia Battela Gotlib, no ensaio “Quando o objeto, cultural, é a mulher”, aponta as características na protagonista em conjunção ao espaço em que fora concebida:

[Macabéa] Encarna [...] a mais autêntica tradição da miséria sertaneja: nasce raquítica, perde os pais por “febres ruins”, é maltratada pela tia, brinca com pulgas quando criança, passeia com o namorado Olímpico e dia de chuva, parando em vitrines para ver pregos e parafusos... Vivia de menos. (GOTLIB, 1989, p. 202 apud LISPECTOR, 2017, p. 190)

Rodrigo, como personagem na história de Macabéa, adota um determinado posicionamento, permitindo a influência de pensamentos e princípios particulares de si sobre os fatos narrados. Essa subjetividade se revela nas primeiras referências que faz à protagonista, no destaque que dá à personagem, sobretudo o seu julgamento a partir do que observa:

Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. (LISPECTOR, 2017, p. 49)

A ênfase a aspectos sexuais e a visão crítica pela qual Rodrigo S.M. descreve Macabéa, sugerindo a falta de sexualidade da personagem, desperta atenção à característica do narrador de Clarice de ser um homem, e sugere uma possível crítica, em Clarice, referente à visão que o homem tem sobre a imagem da mulher na sociedade, bem como o modo como se desenvolvem as relações entre os gêneros na sociedade. A visão que o narrador desenvolve sobre Macabéa permite a construção de um perfil socioeconômico ao qual a personagem pertence que representa uma classe carioca culturalmente marginalizada, uma mulher em situação de vulnerabilidade. Possibilita, também, a observação de como ela é percebida por outra classe que não a dela:

Se o leitor possuir alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo que é novo assusta. Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim. (LISPECTOR, 2017, p. 63)

Hélène Cixous, no ensaio “Extrema Felicidade”, desenvolve uma análise sobre Macabéa em tom semelhante ao de Rodrigo, complementando a visão que o narrador tece sobre a personagem:

A ‘pessoa’ que Clarice escolheu, essa quase mulher, é uma mulher quase não mulher, mas é de tal modo quase-não-mulher que talvez seja mais mulher que toda mulher. É de tal modo mínima, de tal modo ínfima, que está ao rés do ser, e portanto é como se estivesse em relação quase íntima com a primeira manifestação do vivente na terra; é, aliás, capim, e termina no capim, como capim. Enquanto capim, enquanto talo de capim, situa-se fisicamente, afetivamente, de todo embaixo na gênese, no começo e no fim. E por mais que nós, que somos brancos e pesados, ela porta, ela mostra os elementos mais finos do que se pode chamar “ser-mulher”, porque, como as pessoas extremamente pobres, ela é atenta e nos faz atentos às insignificâncias que são nossas riquezas essenciais e que nós, com

nossas riquezas ordinárias, esquecemos e rejeitamos. Quando ela descobre um desejo ou um apetite, ou quando saboreia pela primeira vez na vida um alimento que para nós se tornou o menos apetitoso, o mais ordinário dos pratos, é para ela a descoberta e maravilha extraordinárias. E seu maravilhamento devolve-nos as delicadezas perdidas. (CIXOUS, 1987 apud LISPECTOR, 2017, p. 134)

Destaca-se, também, a menção à bíblia por Rodrigo, que parece dar pistas sobre uma possível fonte que Clarice Lispector usou durante a produção de *A hora da estrela*. O nome faz referência a dois livros deuterocanônicos, Macabeus I e II, presentes no Antigo Testamento. O termo “macabeu”, alusão ao povo oriundo dos hebreus, retoma a perseguição que estes sofreram pelos gregos. Em uma relação de intertextualidade, a Grécia estaria representada em *A hora da estrela* em Olímpico (personagem que será focalizado posteriormente), uma alusão aos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Sobre essa relação, Almeida e Masuda (2017) afirmam:

Macabéa foi trazida pela tia até o Rio de Janeiro, uma “cidade toda feita contra ela”. E será que ela superará essas adversidades como fizeram os guerreiros Macabeus do Antigo Testamento, que são uma referência intertextual da qual deriva o nome da retirante? Infelizmente sabemos que não, pois essa é uma referência irônica, uma vez que a jovem nem tinha consciência de sua má sorte, tampouco das condicionantes históricas que a insígnia do processo modernizador brasileiro acarretava na vida dos migrantes como ela. (ALMEIDA; MASUDA, 2017, p. 34)

A partir da apresentação de Rodrigo S.M. e da análise de Gotlib, somadas às construções simbólicas em Macabéa, é possível concluir que a personagem perpetua a imagem de ser uma vítima da sociedade: ela sofre pela própria existência, unicamente pela posição social que se encontra.

A classe social propriamente dita se torna elemento primordial de análise da protagonista desta história. De acordo com Rodrigo, “[...] Macabéa de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo” (Lispector, 2017). A denúncia social encontra-se, portanto, subentendida nos sentimentos de Macabéa.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?” (LISPECTOR, 2017, p. 49)

O narrador destaca a diferença dele para a personagem no fato de querer “encontrar o mundo e seu Deus”. Este é o seu ponto de vista em relação ao comportamento de Macabéa, que parece aborrecê-lo. Soma-se a isso o seu incômodo em relação ao sentimento de culpa que carrega, já perceptível anteriormente, ao afirmar que “[a nordestina] me acusa e o meio que tenho para me defender é escrevendo sobre ela” (Lispector, 2017). Possivelmente, ao observar uma existência como a de Macabéa e constatar que há várias outras como a dela, Rodrigo S.M. sente-se cúmplice de sua pobreza, ao ter ciência desta realidade e compactuar com ela, uma vez que nada faz para ou modificá-la. Este sentimento se revela no narrador através do conceito de honestidade:

Sou um homem que tem mais dinheiro que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. [...] Que mais? Não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim.” (LISPECTOR, 2017, p. 53)

Possivelmente, sua escrita se deve a uma tentativa de interferência, ainda que sutil, à medida que o Rodrigo deixa clara a sua culpa, como o próprio afirma:

Quanto à moça, ela vivia num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça. (LISPECTOR, 2017, p. 57)

(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. [...] Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente. (LISPECTOR, 2017, p. 59)

A posição social de Macabéa tem relação direta com seu trabalho. O ofício da datilógrafa consolida a sua posição social através do trabalho. A partir da relação que constrói com sua profissão como a garantia da sobrevivência, Macabéa torna-se representação de um estrato social específico do Brasil do século XX.

Sono superficial porque estava há quase um ano resfriada. Tinha acesso de tosse seca de madrugada: abafava-a com o travesseiro ralo. Mas as companheiras de quarto – Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas – não se incomodavam. Estavam cansadas demais pelo trabalho que nem por ser anônimo era menos árduo. [...] Elas viravam para o outro lado e readormeciam. A tosse da outra até que as embalava em sono mais profundo. [...] Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir. (LISPECTOR, 2017, p. 64)

O incômodo que Macabéa causa em Rodrigo S.M. se reflete na situação social que a personagem ocupa, e, a partir dela, é construída na obra uma crítica social. *A hora da estrela* reafirma a posição do trabalhador na sociedade, facilmente substituível no sistema. Esta crítica também pode ser notada quando o narrador aborda a fome. Abaixo de Macabéa, na estrutura social brasileira ainda havia quem passasse mais necessidades que a personagem. A ênfase constante da miséria e da pobreza como estados permanentes de parte da população é incômoda, mas Rodrigo não tem pudor em expressar explicitamente tais problemas:

Eu não inventei essa moça. Ela forçou dentro de mim a sua existência. Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota. A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. (LISPECTOR, 2017, p. 62)

O retrato ganha teor de reprovação, que pode ser percebido através de um olhar crítico do tom que Rodrigo S.M. adota para narrar a realidade cotidiana da heroína de Clarice. Há uma denúncia no perfil de Macabéa. Ela é a representação do retirante marginalizado, reduzido a uma condição inferior à humana, conforme afirma Cixous:

(*A hora da estrela* é, pois, a história de uma pequena pessoa que deve pesar trinta quilos, uma habitante do **apenas**, uma nativa do **quase**. O que Clarice fez ali foi ir ao encontro do sujeito que, para ela, era o mais outro possível.) Imaginemos quanto a cada uma, cada um, que é o mais outro possível, a criatura que seria para nós a mais estranha possível, ainda que no interior da esfera reconhecível [...] que seria **a mais estrangeira possível e que ao mesmo tempo nos 'tocaria'**. Cada um tem seu estranho pessoal. Para Clarice era isso, um muito pequeno pedaço de vida, vindo do **Nordeste**. O Nordeste tornou-se tristemente célebre: nele se é feliz quando se come rato, é uma terra onde em nossos dias se morre de fome no Ocidente. Essa pessoa vem do lugar mais deserdado do mundo, e para Clarice tratava-se de

trabalhar sobre o que era ser deserdado, ser sem herança, até ser sem nada, sem memória – mas não amnésico –, ser tão pobre que a pobreza está em todo o ser: o sangue é pobre, a língua é pobre e a memória é pobre, mas nascer e ser pobre é como se se pertencesse a outro planeta, e desse planeta não se pode tomar um meio de transporte para vir ao planeta da cultura, da alimentação, da satisfação etc. (CIXOUS, 1987, p. 14 apud LISPECTOR, 2017, p.134, grifo do autor)

Macabéa encontra-se num limiar entre o que é familiar e o que é estranho para o leitor. A sua permanência neste estado de transição permite o exercício do altruísmo, de forma que se desenvolva uma solidariedade do leitor com a personagem. Relaciona-se, então, a ideia da existência de diferentes “planetas” ao conceito de desigualdade social, através da linguagem metafórica adotada por Cixous (2017). Na sociedade, há grupos de pessoas dotados de acesso a diversas fontes de conhecimento, cuidados médicos e fontes de alimentação – e soma-se a estes fatores as várias culturas das quais estes podem ser oriundos. A outros, entretanto, tais recursos não são concedidos, sequer oferecidos. Macabéa pertence a outro planeta por viver à margem, sem acesso a estes bens, sejam eles concretos ou abstratos – a exemplo de educação e saúde, e os bens materiais que a eles estão associados. É invisibilizada a partir de sua ausência ocasionada pelo processo de exclusão do qual se torna vítima, refletido em vários aspectos de sua jornada, para o qual a voz do narrador imprime angústia a partir de sua visão sobre a personagem.

Este sentimento explica-se pela análise de aspectos da vida de Macabéa. Nádía Battela Gotlib (2017, p. 186) aponta as características na protagonista em comparação à visão de Rodrigo:

De um lado, aparece a história do narrador em processo de amor pelo outro, a sua personagem, a sua obra, o seu objeto criado, a sua criatura: o romance. De outro, a história da pobre Macabéa, a miserável nordestina, que leva uma vida miserável, num quarto de pensão miserável, onde dorme após dias de trabalho miserável como datilógrafa medíocre, num escritório miserável. E neste mundo adverso, em que nada tem, quando alguma coisa quer, frustra-se. Não há lugar para este ser existir como sujeito da sua própria história. Cumpre-se a função de objeto dejetado por uma sociedade que postula a posse como critério de cidadania. (GOTLIB, 1989 apud LISPECTOR, 2017, p. 186)

Macabéa não consegue dissociar-se da posição em que se encontra, alimentada pelos mecanismos sociais que a impossibilitam de superar sua condição.

A permanência da protagonista da trama em uma situação de pobreza se apoia, também, na aceitação pela personagem de sua condição, que ocorre em razão do perfil dócil da datilógrafa. Clarisse Fukelman tece comentários de *A hora da estrela* no ensaio “Escreves estrelas (oras, direis)”, em comparação com o autor e crítico literário alemão Walter Benjamin, também relacionando a personagem Macabéa a um perfil de passividade na novela de Clarice Lispector:

Macabéa, em tudo e por tudo, é o oposto do herói épico. Sua trajetória de vida aponta para a inviabilidade dos grandes feitos na sociedade moderna. Retomando um conceito do crítico alemão Walter Benjamin, pode-se afirmar que ela nem sequer teve uma experiência de vida que a memória um dia pudesse ou soubesse resgatar. No máximo um canto de galo faz com que se lembre da terra da infância, mas este também é um território espúrio. Proveniente de um meio rude, órfã de pai e mãe, criada a pancadas pela tia, Macabéa não teve propriamente uma história pessoal. Felicidade para ela é um conceito vazio. De índole passiva, torna-se presa fácil dos mitos e produtos da indústria cultural. Admira as grandes estrelas do cinema e sente-se fascinada pelos anúncios publicitários. As notícias descosidas da Rádio Relógio integram este contexto alienante, dentro do qual o cotidiano se faz em um tempo meramente físico, desprovido de uma ação subjetiva que com ele interaja numa proposta de transformação. Inexiste passado; inexistente projeto futuro. (FUKELMAN, 1984 apud LISPECTOR, 2017, p. 204)

A situação miserável de Macabéa, fonte de um sentimento de culpa no narrador, não é percebida por ela mesma. A não constatação da personagem de sua posição social em um contexto político pode ser associada a um “lugar neutro” no qual a personagem se situa, conforme Gotlib (2017):

Macabéa ocupa o lugar neutro em que apenas vive, pulsando como um ser... animal, selvagem, arcaico, antigo, primordial. Por ingenuidade, Macabéa não concede – nem exige. Vive o não ter e o faz tão naturalmente como se o não não existisse. (GOTLIB, 1989 apud LISPECTOR, 2017, p. 190)

Rodrigo S.M. expressa esta visão de Macabéa. Para o narrador, a pobreza de Macabéa tem efeito na sua existência, que se torna, portanto, também pobre. Ao mesmo tempo, afirma que a personagem não tem ciência da própria condição, e vive na ignorância de si mesma – uma falsa sensação de “ser completo”.

Quero antes falar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia

estatelada e em cheio no chão. É que ‘quem sou eu?’ provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. (LISPECTOR, 2017, p. 50)

Macabéa, porém, como qualquer outro ser humano, expressa ciência de sua condição, bem como questiona sua realidade e a própria inserção no mundo e em sociedade – em oposição ao apresentado pelo narrador – ainda que não apresente nenhuma indignação ou revolta aparente em relação ao modo como esta se configura. Rodrigo assume que a personagem “não se conhece”, e vive “à toa” (Lispector, 2017), afirmação que denota presunção, revelada a partir do choque de duas realidades distintas em perfis opostos, causa de um desconforto no narrador.

Antes de ter surgido na minha vida essa datilógrafa, eu era um homem até mesmo pouco contente, apesar do mau êxito na minha literatura. As coisas estavam de algum modo tão boas que podiam se tornar muito ruins porque o que amadurece plenamente pode apodrecer. (LISPECTOR, 2017, p. 51-52)

Macabéa representa, para Rodrigo, o embate com aquilo que não lhe é agradável. Para ele, trata-se de uma transgressão. Macabéa é uma forma de olhar para si mesmo, fato que evidencia seu caráter egocêntrico. Fica clara a intenção de abordar em seu discurso aspectos da vida que percebe ao seu redor – que ultrapassam o seu próprio entendimento da realidade:

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que esta me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”. (LISPECTOR, 2017, p. 52)

O destaque ao que está além de sua compreensão demarca o caráter filosófico e reflexivo da obra, que se associa a questões sociais inerentes à reflexão da vida. Portanto, *A hora da estrela* segue a característica introspectiva da literatura da autora. Conforme afirma Marina Colasanti na reportagem de Fernanda Ezabella (2005), questões sociais abordadas por Clarice precedem manifestações partidárias: “ela buscava o essencial do ser”. O viés político de Clarice estaria, inevitavelmente, presente em sua última obra, indissociável de seus personagens e de seu narrador. O excerto em que Rodrigo parece acreditar que Macabéa foge ao embate de sua

realidade e da própria identidade corrobora esta percepção – nele a intersecção entre o existencial e o social atinge seu ápice:

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. Imaginavazinha, toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez a sentir um gosto bem bom de viver – se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro. Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela quer ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa. Teria ela a sensação de que vivia para nada? Nem posso saber, mas acho que não. Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. (LISPECTOR, 2017, p 64)

Neste último trecho, destaca-se o modo como os questionamentos existenciais têm como plano de fundo as questões sociais que envolvem a protagonista. A possibilidade de indagar-se “ser” alguém assusta a personagem leva o leitor a assumir que ela vive sua vida limitada por sua posição social. Possivelmente, e em diferentes níveis, o leitor pode ser tocado pela personagem, uma vez que a pergunta leva a uma sensação de carência que pode acometê-lo entre a personagem que é vítima dessa falta – em decorrência de sua existência e incapacidade de fuga dessa condição – e o narrador que não compartilha desse sentimento – e carrega a “culpa” por serem espécie de cúmplices dessa realidade. A alternância entre estes perfis antagônicos tem sua importância revelada no efeito que causa na obra e no leitor.

Nádia Batella Gotlib ressalta a inserção de Clarice “na questão do drama em linguagem”, através de “uma sempre presente consciência crítica, espectadora do conflito, por vezes trágico, de seres disputando, entre si, o poder das vozes e a primazia na condução do discurso” (Gotlib, 2017, p. 183). E esse percurso é compreendido pela escritora “com quase absoluta predominância do ponto de vista feminino”. Finalmente, a interposição entre a afirmação de Macabéa como mulher e a condição social a qual se encontra sugere um caráter de denúncia, ainda segundo Gotlib (2017):

Esse tema, muito presente ao longo de toda a história de sua narrativa, atinge, nesta ‘hora da ficção’ de *A hora da estrela*, um alto grau de periclitância, talvez porque se trate de uma história que acontece,

segundo afirma o próprio narrador, ‘em estado de emergência e de calamidade pública’. Porque aqui não se trata só da mulher, mulher burguesa, como quase todas as mulheres de sua ficção. Trata-se da mulher burguesa no confronto com a mulher nordestina pobre. A mulher instruída diante da mulher sem instrução. A que tem diante da que não tem. (GOTLIB, 1989, apud LISPECTOR, 2017, p. 185)

Essa dicotomia apontada no excerto sugere a presença da própria Clarice na obra como imagem antagônica à de Macabéa, uma mulher culta em oposição à que não teve nenhum grau de instrução. A autora ora se afasta da personagem, ora se aproxima. O mesmo ocorre com Rodrigo. Algumas semelhanças entre autora e personagem são apontadas por Colm Tóibín em “Uma paixão pelo vazio”, que apresenta *A hora da estrela* a partir de uma comparação com a escritora:

A história é sobre uma mulher do estado de Alagoas, no Nordeste do Brasil (os Lispectors inicialmente viveram lá, ao chegarem ao país), que depois vai morar no Rio de Janeiro, como Clarice Lispector veio. Em uma cena já perto do fim do livro, a heroína vai a uma cartomante, Madame Carlota, assim como a própria Lispector foi a uma cartomante. Ela disse ao entrevistador da televisão: ‘Eu fui a uma cartomante que me disse as várias coisas boas que iam me acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta: seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas.’ (TÓIBÍN, 2011 apud LISPECTOR, 2017, p. 167)

Clarice pode ser percebida na figura de Macabéa, conforme retoma Benjamim Moser, ao citar uma cena descrita pelo escritor José Castello, contemporânea à época em que Clarice se ocupava com os processos de escrita de *A hora da estrela*:

Clarice está parada diante de uma vitrine da avenida Copacabana e parece observar um vestido. Envergonhado, me aproximo. ‘Como está?’, digo. Ela custa a se voltar. Primeiro, permanece imóvel, como se nada tivesse ouvido, mas logo depois, antes que eu me atreva a repetir o cumprimento, move-se lentamente, como se procurasse a origem de um susto, e diz: ‘Então é você’. Naquele momento, horrorizado, percebo que a vitrine tem apenas manequins despídos. Mas logo meu horror, tão tolo, se converte numa conclusão: Clarice tem paixão pelo vazio. (MOSER, 2017, p. 459-460)

Moser (2017) retoma um trecho de *A hora da estrela* no qual Macabéa aparenta prezar tanto o vazio quanto Clarice Lispector, ainda que aquela não tenha consciência racional do fato:

A maior parte do tempo tinha sem o saber o vazio que enche a alma dos santos. Ela era santa? Ao que parece. Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada. (MOSEER, 2017, p. 460)

A noção de vazio citada pelo autor implica a questão existencial enfrentada por Macabéa, subjugada à posição social ocupada pela personagem no contexto em que vive. A exclusão que sofre pelo sistema reflete na concepção que ela própria tem – e que deixa de ter – relativa ao fato de se posicionar como sujeito, indivíduo componente da sociedade. Este “oco” que a acompanha conjuntamente à sua trajetória também é percebido em outro personagem: Olímpico de Jesus. A inserção do personagem na novela também sugere uma relação entre aspectos sociais e questões subjetivas, em comparação à Macabéa:

Macabéa localiza-se na outra ponta desse processo, devido à sua singela ignorância. Ela é submetida por essa mesma marcha, todavia não ambiciona, não deseja, não expressa vontade. Já Olímpico é seduzido pelos jogos de representação enfeixados na sociedade de consumo, que “reforça a percepção e o sentimento da necessidade de ser incluído nesse espaço. [...] Não obstante, se o risco de Olímpico é perder sua humanidade por não participar da sociedade de consumo vendida pelos meios de comunicação em massa, ou por participar dela via um caminho brutal e desumanizador, já Macabéa não corre tal risco, pois não somente não deseja participar dessa sociedade como sequer reconhece em si uma humanidade. Macabéa não é desumana e sim inumana ou pré-humana. (ALMEIDA; MASUDA, 2017, p. 38)

Neste caso, o narrador Rodrigo S.M. pauta a busca em ser “alguém” a ter um trabalho, uma visão que pode, em partes, ser fruto de um senso comum existente na sociedade, e do imaginário político ideológico que associa o “ser” ao seu ofício.

Olímpico de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e ela nem notou que ele não se chamava de ‘operário’ e sim de ‘metalúrgico’. Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que um salário mínimo. Mas ele e Olímpico eram alguém no mundo. [...] O trabalho [de Olímpico] consistia em pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las embaixo, sobre uma placa deslizante. Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo. (LISPECTOR, 2017, p. 75)

Trata-se de uma produção alienada, em que o trabalhador não se vê no resultado final do seu trabalho. A descrição de Rodrigo remete a Karl Marx, desde

conceitos de burguesia e proletariado – classe dominante e classe dominada – até a ideia de consciência de classe. O trabalhador que não percebe sua importância para a estrutura produtiva é incapaz de se revoltar contra seus mecanismos de opressão. Também é possível fazer alusão a *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, sobretudo em relação a críticas às consequências da Revolução Industrial, e das formas de trabalho no capitalismo.

As Lojas Americanas, local em que trabalham as moças com quem Macabéa divide a moradia, reforçam a estrutura do trabalho no século XX, caracterizada pelo inchaço no setor terciário nos centros urbanos – a prestação de serviços representa a base das ocupações profissionais nestes espaços. O retrato do modo de trabalho da sociedade contemporânea mostra-se crítico, ao ser vinculado na obra de Clarice à imagem da pobreza e miséria, análogo a condições desumanas de sobrevivência.

Almeida e Masuda (2017) citam a presença do local de trabalho das moças, “Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas” (Lispector, 2017, p. 64), como exemplo da relação entre ficção e história. Não apenas a loja, mas outros elementos citados destacam características sociais do Brasil que delimitam perfis e classes que nele habitam.

A indústria cultural e a sociedade de consumo estão presentes em cada página d’*A hora da estrela*, contudo, não como um espelhamento do real, e sim por uma contaminação recíproca entre a ficção e a história, dada a porosidade em tais narrativas. Então, lembraremos das referências mais do que concretas, como o pseudopatrocínio da Coca-Cola; a alimentação americanizada à base de cachorro quente e refrigerante; as Lojas Americanas nas quais trabalham as amigas de quarto de Macabéa; os ícones do cinema norte-americano Marilyn Monroe e Greta Garbo; as informações inúteis da Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”; a publicidade, a qual aparecia na coleção de anúncios de jornais velhos recortados por Macabéa, cujo prazer era tão grande que os colava em um álbum: “havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela”. (ALMEIDA; MASUDA, 2017, p. 37-38)

A apropriação da *Pop Art* por Clarice contextualiza a época de produção da escrita. A relação de idolatria que Macabéa cria ao cultuar a imagem de Marilyn Monroe é típica da sociedade do século XX, imersa na indústria cultural e, conseqüentemente, na produção de celebridades com reconhecimento a nível global, que reforçam os EUA como uma superpotência. Macabéa, em dado momento da

trama, ao se apossar de um batom, busca parecer-se com a atriz hollywoodiana. A inserção desta imagem do estrangeiro também se dá pelas marcas multinacionais incluídas explicitamente na história. A Coca-Cola está presente na refeição diária da protagonista; suas colegas têm a garantia do sustento a partir do trabalho nas Lojas Americanas. O mesmo pode ser dito a respeito da linguagem aparentemente pouco elaborada adotada por Rodrigo S.M. na narrativa – a construção em períodos curtos, a metalinguagem desenvolvida em diálogo com o leitor, o uso da pontuação a partir de uma fuga à preceitos tradicionais da literatura clássica –, que aproxima Clarice da estética de ruptura do Modernismo.

Compreende-se, também, que a elaboração feita pelo narrador não é aleatória, sobretudo nas relações que os personagens desenvolvem com o espaço em que estão inseridos, influenciada pelo contexto ao qual se encontram, podendo acentuar ou suavizar suas características – como subalternidade e colonialismo – e o efeito que estas têm socialmente. Glória é apresentada em oposição à Macabéa, através de Rodrigo S.M. – ela é o estereótipo da mulher sensual e representa o êxito na aproximação com o padrão estético desejável de acordo com uma visão majoritária de homens em relação aos corpos femininos. Afasta-se de Macabéa, que representa o oposto deste ideal, segundo visão do narrador:

Glória era toda contente consigo mesma: dava-lhe grande valor. Sabia que tinha o sestro molengole de mulata, uma pintinha marcada junto da boca, só para dar uma gostosura, e um buço forte que ela oxigenava. Sua boca era loura. Parecia até um bigode. Era uma safadinha esperta mas tinha força de coração. Penalizava-se com Macabéa mas ela que se arranjasse, quem mandava ser tola? E Glória pensava: não tenho nada a ver com ela. (LISPECTOR, 2017, p. 91-92)

Curiosamente, ambos – Rodrigo e Glória – parecem compartilhar visão semelhante em relação à Macabéa, fato que se sobressai quando a personagem questiona Macabéa a respeito do que esta pensava sobre seu futuro. “A pergunta ficou por isso mesmo, pois a outra não soube o que responder” (Lispector, 2017, p. 93), afirma Rodrigo, concedendo ao silêncio a possibilidade de continuidade do questionamento e das possibilidades de introspecção sugeridas pela questão de Glória.

O despertar sexual que Rodrigo S.M. percebia na colega de Macabéa também acontece com Olímpico. Destaca-se a diferença do seu comportamento quando em relação à Macabéa – enquanto uma representa a miséria, a outra é esperança:

[Olímpico] Não se arrependeu um só instante de ter rompido com Macabéa pois seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser outro. No mundo de Glória, por exemplo, ele ia se locupletar, o frágil-mochinho. Deixaria enfim de ser o que sempre fora e que escondia até de si mesmo por vergonha de tal fraqueza: é que desde menino na verdade não passava de um coração solitário pulsando com dificuldade no espaço. O sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o perdoou.” (LISPECTOR, 2017, p. 92-93)

Olímpico é controverso. Segundo Rodrigo, cometeu assassinato, mas chora em enterros. É duro no trabalho, mas delicado nas esculturas que produz. A relação que o narrador constrói com o personagem associa o espaço de vivência do sertanejo à própria personalidade – retomando-se o conceito de sertão aplicado pelo narrador –, reforçando o julgamento presente ao longo de toda a narrativa através do ponto de vista de quem enuncia os eventos da trama.

Durante a visita à cartomante – o clímax narrativo em *A hora da estrela* – a revelação de Madame Carlota à Macabéa é recebida pelo leitor em meio às interpretações que o narrador tece sobre sua personagem, em um momento de introspecção da personagem. A heroína, a partir das palavras de Madame Carlota, percebe quem é de fato. Segundo o narrador, “Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como eu disse, até então se julgava feliz.” (Lispector, 2017, p. 104)

Rodrigo expõe, de modo conclusivo, a relação entre o vazio de Macabéa e a sua posição na sociedade – à medida que a questão se torna clara pela objetividade da linguagem do narrador, também a personagem apenas dá conta de si no fim da própria existência. A noção de literatura social é realizada explicitamente em *A hora da estrela* através de Rodrigo, método expresso através de sua voz na descrição de personagens, ambientes e narrador, conforma aponta Florencia Garramuño, no posfácio “Uma leitura histórica de Clarice Lispector”, presente na primeira publicação em edição argentina de *La hora de la estrella*, pela editora Corregidor:

A hora da estrela, ao utilizar estas técnicas de fragmentação e de interrupção da linearidade incorporando uma temática social, mostra

que elas já estavam de alguma maneira apresentando desde o começo de resistir a certas representações do social como as únicas que permitiriam pensar a experiência a partir de uma elaboração imaginária. Evidencia, ademais, como através de uma linguagem refratária, quase aporética, podem apresentar-se problemas sociais como os do Nordeste, como a escrita da consciência e da interioridade das personagens pode ser também uma forma de repulsa ou de questionamento social, talvez ainda mais radical – de um ponto de vista estético e ético – que as tradicionais representações da literatura ‘social’. (GARRAMUÑO, 2010 apud LISPECTOR, 2017, p. 181)

A “escrita da consciência” de Clarice através da voz parcial de Rodrigo apresenta questões políticas e históricas que se aproximam de outras obras que têm a denúncia social como uma de suas características principais – a exemplo de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. A partir da análise desta visão que se revela na obra pelo narrador, outras questões relacionadas a tais características – e a relação da ficção com realidade – se revelam. As representações entre o escritor e os personagens e as diferenças sociais entre quem representa e quem é representado destacam a importância dessa estrutura narrativa que prioriza o contexto no qual a história se apresenta.

A hora da estrela retoma inteiramente *Perto do coração selvagem*, descrevendo uma promessa não cumprida, ajustando um livro ao outro, de modo invertido, o desfecho dos dois livros. Mas há maior clareza na obra de 77. Porque viveu, pode avaliar o próprio percurso numa história com começo, meio e “*grand finale* com um som silêncio e chuva caindo.” (ARÊAS, 2005, p. 83)

3. A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM–NARRADOR RODRIGO S.M. E METALINGUAGEM

Rodrigo S.M., como personagem de *A hora da estrela*, tem sua personalidade construída através de um mosaico. Suas características se revelam gradativamente em sua escrita, conforme conta para o leitor a história, processos que se dão em sincronia. Nos manuscritos de Clarice no processo de escrita da novela, publicado em edição especial da obra em 2017 pela editora Rocco, muitas vezes pode-se notar parênteses feitos pela própria escritora em determinados trechos em que, com um ponto de interrogação, ela questiona: “*Autor?”. Este autor seria seu narrador para a trama de Macabéa. Rodrigo é construído por Clarice a partir de anotações, como outros personagens também o são, e este fato chama atenção para a sua presença na história – o modo como ele percebe Macabéa e os eventos que a circundam se torna crucial para a interpretação dos fatos pelo leitor.

Almeida e Masuda (2017) dividem a novela de Clarice Lispector em três eixos. O recorte, categórico para o estudo detalhado da composição da narrativa, insere o narrador como membro estrutural para o seu desenvolvimento. Os sentimentos que Rodrigo S.M. alimenta a partir das questões sociais referentes ao que observa em Macabéa e nos espaços que ela ocupa estão expressos junto à jornada da personagem. Paralelamente, Rodrigo ainda conversa com o leitor enquanto constrói a trama sobre seu processo de escrita, um processo metalinguístico que também é destacado pelos autores:

É nesse universo permeado de significados que se enquadra *A hora da estrela*. Nela não há somente a narrativa da retirante nordestina Macabéa, mas também existem outros dois eixos narrativos, a saber, o vinculado ao próprio narrador, Rodrigo S. M., e os dilemas da própria escritura da narrativa. Tal complexidade assinala de maneira exemplar a forma da narrativa moderna. Com efeito, o primeiro eixo narrativo é constituído pela história da personagem Macabéa, a qual representa o resultado das políticas de exclusão social brasileira. Ela é signo do deslocamento do migrante diante da metrópole, apresentada em toda sua hostilidade. O segundo eixo é articulado pela crise identitário-existencial vivida pelo próprio narrador, Rodrigo S. M., que é assolado por um sentimento de responsabilidade pelas contradições sociais do país. Por fim, o terceiro eixo narrativo é um exercício de metalinguagem e é composto pela problemática da construção do enredo da vida de Macabéa. Desta maneira, o leitor também é levado a participar do ofício do escritor, na medida em que ele discute o seu

trabalho, ou seja, o ato de escrever ficções. (ALMEIDA; MASUDA, 2017, p. 32)

Rodrigo S.M. é, também, escritor, como Clarice Lispector. *A hora da estrela* representa uma “transgressão”, segundo o próprio narrador afirma inicialmente, em sua apresentação ao se dirigir ao leitor. Ele expressa a sensação de adentrar um terreno novo, e o desafio no qual se percebe envolto refere-se à “escrever sobre a realidade”. Este fator destaca a importância que o processo pelo qual Rodrigo passa ganha importância na narrativa e, conseqüentemente, no modo como a história de Macabéa é contada, como apontado por Maria Rita Loureiro Vasconcelos Barbosa e Jacqueline de Oliveira Moreira em “Considerações sobre a angústia a partir da relação entre Rodrigo S.M. e Macabéa, de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”:

O livro baseia-se na necessidade do narrador de encontrar respostas para suas questões sobre a vida. Seus principais questionamentos divergem entre a existência divina, a vida, a morte e o autoconhecimento. Um exemplo disso é o fato de Macabéa sempre fazer suas orações vazias desprovidas de sentido, ou mesmo de qualquer ideal de ligação divina, apenas recordando maquinalmente os versos religiosos aprendidos com a tia. (BARBOSA; MOREIRA, 2012, p. 14)

Macabéa representa uma jornada de esquecimento e apagamentos, que se repetem de formas diferentes. Segundo o narrador: nasceu “raquítica”; teve uma infância permeada de escassez e fome no sertão, a perda dos pais aos dois anos de idade impulsionou os maus-tratos da tia, que seguiram até seu falecimento, sucedido pela ida para o Rio de Janeiro; já adulta, a moradia em quarto compartilhado fez de sua rotina um ciclo sem fim em seu ofício de datilógrafa, sua refeição diária resumida a cachorro quente e Coca-Cola e os momentos de entretenimento escutando a rádio Relógio. O conceito de vazio é aplicado por Rodrigo à Macabéa através da ignorância da moça, segundo a visão do narrador:

Pergunto eu: conheceria ela algum dia do amor o seu deus? Conheceria algum dia do amor os seus desmaios? Teria a seu modo o doce voo? De nada sei. Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só. A nordestina se perdia na multidão. Na praça Mauá onde tomava o ônibus fazia frio e nenhum agasalho havia contra o vento. Ah mas existiam os navios cargueiros que lhe davam saudades quem sabe de quê. Isso só às vezes. Na verdade saía do escritório sombrio, defrontava o ar lá de fora,

crepuscular, e constatava então que todos os dias à mesma hora fazia exatamente a mesma hora. Irremediável era o grande relógio que funcionava no tempo. Sim, desesperadamente para mim, as mesmas horas. Bem, e daí? Daí, nada. Quanto a mim, autor de uma vida, me dou mal com a repetição: a rotina me afasta de minhas possíveis novidades. (LISPECTOR, 2017, p. 71)

O trecho destaca a compaixão que se desperta no narrador, sentimento desencadeado a partir do contraste percebido por Rodrigo entre a sua realidade e a de Macabéa. Esta compaixão se revela posteriormente, quando, pela primeira vez, este se utiliza de um apelido para se referir à nordestina – Maca. A subjetividade permeia sua escrita, e as limitações de compreensão da personagem reforçam sua posição como personagem, considerando o distanciamento social evidente entre ambos. Rodrigo S.M. não tem acesso completo à Macabéa porque não conhece sua realidade, fato confessado pelo próprio narrador.

Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém. Apaixonado por seus pulmões frágeis, a magricela. [...] não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia. (Vejo que tentei dar a Maca uma situação minha: eu preciso de algumas horas de solidão por dia senão ‘me muelo’). (LISPECTOR, 2017, p. 95)

Rodrigo S.M. retrata sua solidão em Macabéa. É neste momento que estreita sua relação com ela, em tom de intimidade, o narrador se envolve com a trama, demonstrando vulnerabilidade e o não-controle dos acontecimentos que escreve: “(Essa história são apenas fatos não trabalhados de matéria-prima e que me atingem direto antes de eu pensar. Sei muita coisa que não posso dizer. Aliás pensar o quê?)” (Lispector, 2017, p. 96).

Rodrigo refere-se aos acontecimentos descritos por ele próprio como “fatos”. Esta abordagem reforça o caráter de verossimilhança adotado pelo autor e pode ser notada repetidas vezes na sua escrita:

“(Como é chato lidar com fatos, o cotidiano me aniquila, estou com preguiça de escrever esta história que é um desabafo apenas. Vejo que escrevo aquém e além de mim. Não me responsabilizo pelo que agora escrevo.)” (LISPECTOR, 2017, p. 98)

O narrador aproxima-se a uma estrutura de roteiro cinematográfico hollywoodiano, com uma narrativa crescente em três atos, e apresenta um final apoteótico: a epifania final de Macabéa (e do próprio Rodrigo S.M.). Vilma Arêas, em *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*, situa *A hora da estrela* como uma escrita circense – devido a várias explosões que se dão ao longo da trama. “É uma história em tecnicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso”, afirma Clarice Lispector (2017, p. 9), ainda na dedicatória da novela. O suspense que incide sobre a própria apresentação da heroína Macabéa, que tem seu nome revelado tardiamente, também denota uma experiência próxima a de uma produção cinematográfica norte-americana convencional. A morte de Macabéa é dramática, de modo que o encerramento da trama se dá por uma tragédia e pela quebra de expectativas no leitor espectador: um anticlímax proposital que é chocante e surpreendente.

Ao final, a desilusão de Macabéa reforça o caráter social da obra. Não havia possibilidades de redenção da nordestina – a sociedade fora cruel com ela e sua ascensão em um ambiente tão hostil era impossível. Rodrigo S.M. rouba a esperança depois de fornecê-la através da vidente que traz boas novas à jovem em uma linguagem exageradamente sentimental que torna o texto, segundo Vilma Arêas (2008), “na melhor das hipóteses, um produto *kitsch*”. O desengano final reforça, por uma última vez, que, “quanto ao futuro”, não há futuro algum para a personagem. Em um desfecho teatral, Macabéa volta a ser “capim”. Lígia Regina Calado de Medeiros, em “Macabéa: a fabulação como direito ao grito”, tece comentários sobre a posição que o narrador ocupa no epílogo da novela:

Sendo este o momento em que o destino a assalta na narrativa, é também a vez, mais uma, em que o narrador Rodrigo S. M., do alto de seu cabedal de cultura, através do relincho do cavalo, ri de sua personagem e de tudo o que ela representa. Ora, só uma gente muito primitiva, da estirpe de Macabéa, pode acreditar em falsos profetas, parece querer concluir o presunçoso narrador. Sem escapatória, portanto, a morte dela, em *A hora da estrela*, é regada à ilusão, assim como, no elegante recurso da sugestão, é regada a sua vida. (MEDEIROS, 2017, p. 166)

Simultaneamente ao final da trajetória de Macabéa, ocorre um processo de despertar em Rodrigo S.M. O narrador compreende, a partir do acontecimento recém narrado por ele, a sua própria limitação em vida. “E agora – agora só me resta acender

um cigarro e ir para casa. Mas Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?” (Lispector, 2017, p. 110). O despertar para a morte acusa uma espécie de redenção na trama. Depois das várias críticas e julgamentos proferidos à Macabéa, relativos à falta de ação da personagem, segundo seu ponto de vista, ele percebe que seu destino é o mesmo. Apesar de todas as diferenças que os distanciavam, ambos convergem para um mesmo fim, a morte, ou “o inevitável encontro consigo” (Lispector, 2017, p. 109). Em relação ao tópico, Moser (2017) aponta:

Macabéa, que, a exemplo de Clarice, medita sobre o nada e “banha-se no não”, é uma espécie de santa: “Na pobreza de corpo e espírito eu toco na santidade, eu que quero sentir o sopro do meu além. Para ser mais do que eu, pois tão pouco sou”. Macabéa “reduzira-se a si. Também eu”, escreve Clarice, “de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus. (MOSER, 2017, p. 462)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma obra literária, é difícil constatar – e diferenciar – com clareza o que se trata de uma invenção do autor e o que este trouxe de suas experiências vividas e transportou para as páginas em branco que virão a ser transformadas em texto. Entretanto, é factível a ideia de que as narrativas da prosa de ficção e até mesmo a poesia talvez sejam constituídas da experiência do autor, que se encontra inevitavelmente inserido em tempo e espaço definidos. *A hora da estrela* parece ser uma obra que não está isolada em sua própria narrativa: ela traz representações de determinados imaginários pertencentes a sujeitos e grupos que compõem uma sociedade, esta localizada em um território politicamente delimitado.

O engajamento social em Clarice Lispector se desenvolve a partir de uma trama intimista e subjetiva. A posição que o narrador-escritor ocupa insere Rodrigo S.M. também como personagem, conforme foi levantado neste estudo. Suas intervenções de cunho crítico e os vários julgamentos ao comportamento de Macabéa direcionam sua posição na sociedade e os comportamentos a ela relacionados – em oposição à figura da moça nordestina. Forma-se uma relação entre a ficção de Clarice e as referências que nortearam e contextualizaram a narrativa.

A tentativa de desconstruir esta dualidade – considerando as limitações geradas pela impossibilidade de se observar a realidade de forma objetiva, dada a sua complexidade – e delimitar este processo teve o propósito de sugerir a reflexão sobre o impacto de uma obra na percepção do mundo pelo leitor – de acordo com a época e os povos que a obra em questão aborda. A imersão da leitura possibilita a expansão de pensamentos e imaginários – desde o reforço daqueles já existentes até a criação de novos olhares que contrastam com estes. Esta possibilidade de sobressalto na leitura reforça o impacto que a literatura pode ter no indivíduo, possibilitando, também, a expansão de respostas para a pergunta: por que ler?

Por fim, o cruzamento da narrativa proposta para este trabalho com o contexto histórico de sua publicação possibilitou a observação de elementos concretos do contexto político e social presentes na narrativa de *A hora da estrela* e possíveis referências à vida de sua autora, ambos sugeridos através de análises tecidas pela fortuna crítica. Este diálogo entre o romance e algumas de suas diversas interpretações considera o ato de ler um processo de reflexão e exercício de

formulação de questionamentos, reiterando a importância da obra literária nas possíveis formas de redescobrimto de narrativas através dos tempos e em diferentes momentos históricos, a exemplo do fenômeno observado na escritora Clarice Lispector e suas reverberações, que ultrapassam a própria literatura.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O rapto do sertão. In: **Observatório Itaú Cultural**, v. 25, p.21-35, 2019.

ALMEIDA, Rogério de; MASUDA, Fábio Takao. *A hora da estrela* entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa. In: **Intelligere, Revista de História Intelectual**, São Paulo, v.3, n.1 [4], p.31-41, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em 22 de mar. de 2021.

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 74- 108.

BARBOSA, Maria Rita Loureiro Vasconcelos; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Considerações sobre a angústia entre Rodrigo S.M. e Macabéa, de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. In: **Mosaico: estudos em psicologia**. Belo Horizonte, v. V, n. 1, p. 12-21, 2011-2012.

EZABELLA, Fernanda. **Especialistas falam do lado obscuro de Clarice Lispector**. Reuters, Paraty, 07 de jul. de 2005. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultnot/2005/07/07/ult26u19348.jhtm>>. Acesso em 30 de abr. de 2021.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Trad. José Geraldo Couto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TV CULTURA. **Panorama com Clarice Lispector**. 2012. (28min31s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU&t=421s>>. Acesso em 29 de jan. de 2021.